

A religião na mais laica das rádios

*Apesar de os media,
de modo generalizado,
terem devassado,
nem sempre
com ética profissional,
a interioridade dos templos
bem como
os comportamentos
dos líderes
das diferentes religiões
e culturas,
entre nós movem-se ainda
o desconhecimento,
o preconceito
e os complexos
de superioridade.*

Manuel Vilas-Boas
Jornalista, TSF

Tendo-se já iniciado a contagem decrescente para a homenagem desta tarde, permitam-me que, na abertura da minha comunicação, saúde frei Bento Domingues pelos fecundos e corajosos dez anos de presença dominical no jornal *Público*. Sei que fidelizou leitores. Que inquietou crentes e não crentes, agnósticos e hierarcas. Deu à estampa a liberdade que o percorre em matérias a tocarem tantas vezes telhados de zinco quente. Como soube com inteligência desvencilhar-se da lei da rolha que caiu sobre a Igreja portuguesa depois do 25 de Abril! Antes o espírito pairava sobre as águas, ainda que com honrosas excepções se tivessem levantado algumas vozes e penas. Frei Bento Domingues soube também rasgar sobre a invenção de Gutenberg pedagogia que baste no trato de todas as questões do fenómeno religioso, vestidas de exemplar palavra literária. Utilizou o púlpito contemporâneo a que se propôs a sua ordem de pregadores, essa O.P. (Ordem dos Pregadores) a clamar por centenas de anos de palavras intensas na história.

A homenagem toca também o jornal *Público*, que sem preconceitos (alguns remeteriam a memória ainda para a I República) soube dignificar nas suas páginas a opinião sobre um dos decisivos sectores da actualidade, o universo das religiões e a sua investigação nas diversas frentes das ciências modernas. A abertura à personalidade teológica e literária de Bento Domingues tinha sido precedida da inclusão, desde dos primeiros dias, nos quadros do jornal de um profissional responsável pela editoria de religião, António Marujo, aqui também presente. A exemplo de alguns raros casos nacionais, o *Público* alinhava sem complexos pelos critérios dos mais importantes *media* audio-scripto-visuais do mundo.

A religião na rádio trocada por miúdos

Foi, aliás, por esse mesmo critério que a TSF, ainda ao tempo de rádio pirata, em 1988, me convocou para a grelha de programas e informação que, com modéstia o diga, haveria de contribuir no seu todo para a mudança do cenário radiofónico nacional. Refiro-me, é evidente, às características laicas de isenção e independência possíveis desta rádio privada de informação contínua. Alinhando esta comunicação com tons pragmáticos, permitam-me que vos traga alguns dos momentos emblemáticos da estação onde sou apresentado como especialista de assuntos religiosos.

Ainda sem alvará, em Novembro de 1989, a TSF recebia de Moscovo o som da primeira missa celebrada na capital da então União Soviética, depois da implantação do comunismo em 1917, nos festejos do primeiro milénio da Igreja ortodoxa russa. Único repórter português neste acontecimento (já se tinha desencadeado a *Perestroika*), segundo as palavras de Sena Santos, nos estúdios, em Lisboa, o jornalista da TSF ia de manhã à missa do patriarca Piman, com o cardeal Casaroli e o teólogo Leonardo Boff, e ia à tarde às missas, também, pela primeira vez, na passerelle da televisão soviética. Nesse mesmo ano de 1989, a TSF interrompe a emissão normal para seguir, a par e passo, a investida de Gorbachev pelo Vaticano dentro, à cata do homem vestido de branco. Pela primeira vez, ao mais alto nível, um dirigente russo visitava o Vaticano, perseguido pela ideologia do Estado soviético.

Uma década mais tarde, uma vasta equipa corria atrás de Karol Wojtyla, entre o continente e as ilhas, com debate em estúdio protagonizado por especialistas católicos e protestantes, frei Luís de França e Silas Oliveira, entre outros. O mesmo viria a suceder em viagens tão polémicas e arriscadas do andarilho polaco como por Angola, Líbano, Sarajevo, Cuba, Israel e Ucrânia.

Não quero esquecer esse início dos anos noventa em que a TSF aliciava para o debate ecuménico diversos pastores e bispos católicos e protestantes. Foi também no minarete da mesquita de Lisboa, com a lua nova em fundo, que entrevistei o jovem sheik Munir, que naquele momento constituía a TSF como anunciadora oficial do Ramadão que chegava. Não faltaram depois ocasiões para conhecer e divulgar os rituais seguidos por mais de dez mil muçulmanos portugueses e de outras nacionalidades. Portugal pôde igualmente escutar os sons da inauguração do primeiro templo hindu construído em Portugal, com especial homenagem ao pacifista de todos os tempos, Mahatma Gandhi.

Com profunda emoção, em Novembro de 1995, fazia chegar à hora de maior audiência da nossa rádio (as oito da manhã), com origem no mosteiro budista de Nara, no Japão, o canto gregoriano executado pelo Coro Gregoriano de Lisboa juntamente com monges budistas japoneses. O mesmo som chegou dois dias depois de Kobe (ainda no Japão), a cidade martirizada por um violento terramoto. Cito ainda, como emblemáticas, as transmissões, em directo de Assis, onde João Paulo II levantou, em Janeiro último, o mais alargado palco inter-religioso, na sequência do dramático 11 de Setembro. Deixo para última referência na cronologia a primeira transmissão, em directo, pela rádio em Portugal, de uma cerimónia religiosa judaica, efectuada pela TSF, no passado dia 21 de Maio, integrada nas comemorações do centenário do lançamento da primeira pedra da sinagoga Shaaré Tikva de Lisboa.

Nesta linha está a rubrica dominical “Como se visse o invisível”, emitida antes das onze horas de domingo, onde as vozes convidadas para tocarem a transcendência do quotidiano são a sinfonia plural, agora mais diversificada. Aos nomes de Maria de Lurdes Pintasilgo, ex-primeira ministra, Anselmo Borges, filósofo e teólogo, D. Januário Torgal Ferreira, bispo das Forças Armadas e de Segurança, Silas de Oliveira, jornalista protestante,

juntam-se agora a antropóloga Faranaze Keshavjee, muçulmana ismaíli, e a socióloga Ester Mucznik, vice-presidente da comunidade israelita de Lisboa. Um painel inter-religioso na mais laica das rádios nacionais.

Quis deixar vários sinais de acontecimentos dados pela rádio em que trabalho desde a sua fundação, há catorze anos, com objectivo de tornar impressivas as grandes linhas por que se determina uma estação emissora perante o fenómeno religioso dos nossos dias. Foi, aliás, na sequência de um saneamento ideológico na RDP, em 1980, com origem num comentário sobre o assassinato de Monsenhor Oscar Romero, arcebispo de El Salvador, que recebi promessas de Emídio Rangel, ao tempo mais saneado do que eu, de no futuro acertarmos os passos com a liberdade de informação. A TSF foi assim a terra prometida, que incluiu também a dramática passagem através do Mar Vermelho.

Contra a devassa dos templos

Quase três décadas de presença na comunicação social (deixei dez anos muito desgastantes no programa "70x7" da RTP, e permanecendo ainda no quadro de colaboradores da revista *Visão*) permitiram-me assistir ao despertar de um país, no campo religioso, para a complexidade dos *media*, progressivamente mais abundantes e selectivos. A Renascença está de pé há 65 anos, com historial respeitável, sobretudo antes do 25 de Abril. O diário católico "Novidades", desaparecido depois da revolução, serviu com rigor o monolitismo Igreja-Estado da dupla Cerejeira-Salazar. A mais alargada, que não em qualidade, imprensa confessional (salvam-se alguns poucos títulos, e refiro não apenas os católicos) não foi ainda banhada pela mutação cultural. Registo, no entanto, como inovadores no contexto do diálogo ecuménico e inter-religioso, os programas "Caminhos" e agora o polemizado "A fé dos homens", transmitidos no segundo canal.

De qualquer modo, estas iniciativas estão ainda longe de representarem os palcos ideais onde deveriam mover-se as diferentes religiões. Apesar de os *media*, de modo generalizado, terem devassado, nem sempre com ética profissional, a interioridade dos templos bem como os comportamentos dos líderes das diferentes religiões e culturas, entre nós movem-se ainda o desconhecimento, o preconceito e os complexos de superioridade. No quotidiano, as religiões e confissões não se manifestam solidárias. São episódicas e irrisórias as manifestações contrárias, como a que ocorreu, nestes dias, entre católicos e ortodoxos sobre a defesa do ambiente.

É em nome da mutação civilizacional irreversível que as religiões estão condenadas a entenderem-se. Os encontros em Assis ou no Punjab, em Nairobi ou no Texas terão de repetir-se até à exaustão. A planetização não se pode compadecer com "Bin-Ladens" entrincheirados em labirintos fundamentalistas ou "Bushs" medíocres insuflados de nacionalismo bacoco. Nunca mais a Igreja Católica poderá servir-se de qualquer declaração, como a *Domus Jesus* de Ratzinger, para afirmar o solipsismo do poder religioso ou da salvação católica. Guardando embora a sua identidade nas instituições e nos membros, as religiões e confissões devem obrigar-se ao diálogo com os *media*, muitas vezes mais surdo e impenetrável que o ecuménico e inter-religioso. Se houver respeitabilidade de parte a parte, ganhará o universo de leitores, ouvintes ou espectadores, ávidos do diferente.

Quarto poder versus campanários e báculos

A descrença na autenticidade dos fenómenos religiosos resulta, em muitos casos, da incapacidade comunicacional dos intermediários, quer sejam agentes da religião quer

profissionais da informação. Nem as religiões são casas de assalto nem os jornalistas se podem transformar em franco-atiradores sobre alvos desconhecidos, o que implica, por parte dos profissionais da informação, uma preparação adequada ao desempenho da reportagem ou do eventual comentário. A especialização nos *media* poderá acudir à proliferação de figuras desastradas que povoam o terreiro do jornalismo português. Mas também não se pode pedir aos órgãos de comunicação social milagres de informação quando ela é sonegada arbitrariamente. Os medos intrínsecos da religião nem sempre casam com a agressividade excessiva que muitas vezes caracteriza a actuação do jornalista. Na Igreja portuguesa habita em muitos membros do baixo e alto clero uma desconfiança típica sobre os *media*, não vá o quarto poder destronar o assento histórico do campanário ou do báculo. Cuidado houvesse na descodificação do discurso e até na postura física – há regras elementares –, e a mensagem passaria com maior eficácia. Mas essa lacuna, a da linguagem, talvez constitua o maior ruído quando se aborda a coisa religiosa. O mesmo se passa na abordagem da coisa científica nos meios académicos.

Como traduzir então para o vulgo o que se esconde nos arcanos do tempo sem ferir a própria alma? Religiosos e jornalistas estão também condenados a entenderem-se numa plataforma culta, inteligente, livre e isenta de fundamentalismos e preconceitos. Outros valores mais altos se levantam quando estão em causa os valores da paz e da tranquilidade da criação. Estando na mesma barricada, poderão coabitar as religiões e os *media* para o apagar de fogueiras perigosas que correm o risco de se voltarem a acender junto aos pelourinhos que se alimentam do descabro social que caracteriza o primeiro e terceiro mundos, balanceados pela globalização. As religiões terão de temperar a cultura da racionalidade e da emoção que delas brota. Aos *media* compete servir o arco-íris da cidadania e da pluralidade que se distingue no céu de todos os deuses.

Com o pedagogo de todos os *media*, Pierre Babin, partilho do ridículo que seria aspirar a uma uniformização planetária dos valores culturais. Mais que da tolerância perfilho da diferença que elevou a torre de Babel. Em rodapé, dessincronizado, pergunto-me porque há-de a religião pertencer sempre aos segundos canais ditos de cultura e de esoterismos. Como se a religião fosse recurso de pacotilha. E não o é tantas vezes?